

**SUJEITO,
CLÍNICA E
PSICOSE:**

entrelaçamentos

Coleção TerramaR

Coordenadores

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Udelar/Urugai – Outrarte/Unicamp)

Conselho Editorial

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flavia Trocoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Suely Aires

**SUJEITO,
CLÍNICA E
PSICOSE:**

entrelaçamentos

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aires, Suely

Sujeito, clínica e psicose : entrelaçamentos / Suely Aires. – Campinas, SP :
Mercado de Letras, 2016. – (*Coleção TerramaR*)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-411-3

1. Freud, Sigmund, 1856-1939 2. Lacan, Jacques, 1901-1981 3. Psicanálise
4. Psiquiatria I. Título. II. Série.

16-01000

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Clínica psicanalítica : Psicologia 150.195

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Mariana Moraes

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

MARÇO/2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator

*“O acaso é apenas uma maneira
de transformar em discurso o
improvável encontro das palavras
(Foucault, 1964[2006], p.182).*

*Para Luiz Roberto Monzani
que no encontro improvável entre inteligência, agudeza
e suavidade acolheu, quase por acaso, meu pensamento.*

*Imagino que deve existir, em minha caneta,
uma velha berança do bisturi.*
Foucault, *Entrevista a Michel Foucault*
por Claude Bonnofoy, 1966.

Sumário

apresentação	
“RETRAÇANDO OS PASSOS DE UMA PASSAGEM”	11
<i>Nina Virgínia de Araújo Leite</i>	
INTRODUÇÃO	15
NO INÍCIO ERA A PSIQUIATRIA	19
<i>A Tese de 1932: arquitetura teórica</i>	21
<i>Por uma clínica das psicoses</i>	27
<i>Limites da psiquiatria: a contenda Lacan – Ey</i>	39
<i>Considerações críticas</i>	44
ENTRE DOIS: PSIQUIATRIA E PSICANÁLISE	47
<i>Da clínica psiquiátrica constituída às promessas clínicas</i>	49
<i>Uma causalidade objetiva para os fatos psíquicos</i>	55
<i>Considerações clínicas</i>	76
UM SUJEITO EM DEVIR	79
<i>A clínica revisitada</i>	86
<i>Questões de método</i>	91
<i>Do sujeito enfim em questão</i>	110
<i>Breve consideração</i>	113

PSICANÁLISE E PSICOSE:	
UM MOMENTO DE RELEITURA	115
<i>Diferenças entre a neurose e a psicose:</i>	
<i>de que sujeito se trata?</i>	117
<i>Alterações de linguagem</i>	127
<i>Alterações da teoria</i>	136
POR UMA CLÍNICA DAS PSICOSES:	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
Posfácio	
“UMA NOTÁVEL AUSÊNCIA”	153
<i>Antônio Teixeira</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	157

Rapresentação: Retraçando os passos de uma passagem

Se mantenho o termo sujeito em relação ao que essa estrutura constrói, é para que não persista nenhuma ambiguidade quanto ao que se trata de abolir, e para que isso seja abolido, a ponto de seu nome ser redestinado àquilo que o substitui.

Lacan, *Pequeno discurso no ORTF*, dezembro 1966.

É assim que Lacan justifica a manutenção do termo sujeito em psicanálise: para inscrever, de modo radical, o deslocamento que a experiência analítica opera com relação ao uso do termo em filosofia e psicologia, mas também no discurso comum. Para ele, o termo refere principalmente o que a linguagem, enquanto estrutura, constrói. A própria presença do termo na teorização em psicanálise indica insistentemente os sentidos que devem ser abolidos, na medida exata em que o mesmo termo é utilizado. Mas por que tal estratégia foi necessária? O que motivou tal gesto teórico?

O trabalho de Suely Aires tangencia uma resposta ao estudar a presença do termo nas elaborações lacanianas e com isto busca reconstruir o percurso que teria guiado Lacan da psiquiatria para a psicanálise. E a sua aposta conjuga o surgimento e a elaboração da noção de sujeito com a clínica das psicoses, especialmente a partir da posição do jovem psiquiatra que em 1932 defendeu a tese “Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade”.

A hipótese que a autora avança implica uma íntima articulação entre “os movimentos conceituais lacanianos sobre o sujeito e a intervenção

clínica em casos de psicose”. Ou seja, releva o real da clínica como causa da produção teórica – encaminhamento, de resto, freudiano. Vemos, então, que a hipótese por ela avançada configura um ponto de vista bastante específico e original para responder sobre as razões que teriam conduzido Lacan ao gesto teórico acima referido. Mais do que isso, importa sublinhar que a escolha de tal ponto de vista marca uma posição de leitura que privilegia o Lacan clínico: psiquiatra ou não. As indagações que marcam o movimento das elaborações de Lacan nascem do que a clínica das psicoses lhe interroga. Sim, mas não só, poderíamos acrescentar. Há que considerar que a indagação sobre o sujeito tem uma longa tradição, e em vários campos, conforme fica evidenciado pelo trabalho de Guy Le Gaufey no livro *C'est à quel sujet?* (Le Gaufey 2009). E tal tradição não deixa de influenciar, direta ou indiretamente, o encaminhamento de Lacan.

O recorte estabelecido para o estudo empreendido pela autora circunscreve um período que se inicia com a tese em psiquiatria e vai até o seminário sobre as psicoses, ditado entre 1955-1956. Sabemos, entretanto, que é apenas no seminário sobre a identificação (1960-1961) que a definição de sujeito estará formulada em relação com o significante: “o significante representa o sujeito para outro significante”. Como compreender então a particularidade do movimento de Lacan nos anos anteriores a esta formulação, uma vez que, como a autora claramente demonstra, as relações entre sujeito e linguagem estão já no centro da investigação de Lacan? É neste ponto que intervém a importância do estudo de Suely Aires. Longe de tentar circunscrever as diferenças entre as abordagens ao sujeito presentes na filosofia, psicologia e psicanálise, o que a autora pretende é iluminar as razões que teriam levado Lacan a necessariamente pensar a noção de sujeito no campo da psiquiatria e inventar um conceito de sujeito a partir da tradição freudiana. Assim, a proposta de uma abordagem cronológica se justifica, mas não deixa de apresentar dificuldades.

O que se coloca em questão neste ponto é justamente o risco de um estudo genealógico vir a obliterar ou obscurecer os achados que uma abordagem arqueológica traria ao fazer intervir os diferentes extratos de questões que se sobrepõem na sincronia. Se o trabalho da autora barra de algum modo a possibilidade desse risco é porque sustenta firmemente o fio da articulação clínica no estudo dos fenômenos das psicoses. Mas,

nesse contexto, uma importante questão pode ser vislumbrada: se apenas em 1960 Lacan estabelece a fórmula que articula de modo intrínseco o significante e o sujeito, e se o sujeito vem a ser definido como efeito da articulação de significantes em cadeia, temos então que considerar que o que se modificou de 1953-54 para o seminário sobre a identificação é a própria concepção de linguagem, e com isto de sujeito. Mas isto não se fez sem a escuta dos psicóticos. De forma muito bem delimitada, e talvez justamente por isto, a questão trabalhada pela autora permite a riqueza de diferentes entradas na leitura, a travessia de Lacan para a psicanálise constituindo, nesse contexto, certamente uma chave fundamental e privilegiada.

Nina Virgínia de Araújo Leite
Campinas, 2014

Introdução

Ao construir a psicanálise, Freud forjou diversos conceitos, os quais tinham por finalidade dar sustentação teórica a uma nova prática clínica e sistematizar as *descobertas científicas* úteis para uma descrição apropriada dos processos psíquicos. Dentre os diversos conceitos criados, destacam-se *inconsciente*, *repressão*, *pulsão*, *libido* e muitos outros não citados aqui, mas que, em conjunto, compõem a metapsicologia freudiana. No entanto, para um leitor atual da psicanálise, uma ausência se faz notar: não há referência direta ao conceito de sujeito, nem tampouco um uso – mesmo que comum – desse termo. O sujeito se apresenta nos textos freudianos por meio de expressões tais como *paciente*, *homem comum* ou *caso clínico*, as quais indicam de forma genérica aquele que se submete ao tratamento psicanalítico, o qual estava notadamente voltado para a cura de neuróticos. Em sua argumentação, Freud preocupou-se mais em construir uma terminologia que justificasse as operações e processos que se desenrolavam no aparelho psíquico de cada paciente e que fosse condizente com a história clínica narrada, do que em problematizar o que se entende por sujeito. Percurso distinto foi escolhido por Jacques Lacan, que inaugurou um novo caminho – tanto teórico quanto clínico – para a psicanálise, ao articular psicanálise e psicose, bem como inconsciente e linguagem.

Neste trabalho propomos apresentar uma hipótese simples, mas que julgamos desconsiderada. Acreditamos poder defender que os questionamentos lacanianos em torno à noção de sujeito são derivados da clínica, mais especificamente, da clínica das psicoses. Dito de uma forma clara: há uma necessária articulação entre os movimentos conceituais lacanianos

sobre o sujeito e a intervenção clínica em casos de psicose. Ora, isso parece uma extrema obviedade, mas, ao estudar textos de comentadores da obra lacaniana no que diz respeito ao conceito de sujeito, deparamo-nos frequentemente com conclusões que aproximam a produção lacaniana e os impasses ou argumentos de um autor – Kant, Hegel ou Heidegger, mais usualmente –, mas que não se preocupam em estabelecer o campo de origem da inquietação lacaniana, a clínica das psicoses.¹

Para defender e sustentar nossa hipótese, escolhemos percorrer um caminho delimitado, qual seja:

- (1) trabalhar a tese de Lacan, datada de 1932, de modo a enfatizar a interlocução com autores da psiquiatria de seu tempo e suas proposições clínicas e teóricas;
- (2) percorrer o período intermediário da produção lacaniana compreendido entre 1936 e 1953, isolando as diferenças e buscando as inversões dos parâmetros e problemas que esse autor vem construindo desde o período da *Tese*; e
- (3) situar em 1955-1956 a formalização teórica construída para sustentar uma clínica com pacientes psicóticos. Tal escolha de percurso implica que o texto ora apresentado tem como característica uma descrição do campo em que Lacan constituiu sua argumentação, bem como uma busca pela identificação dos fatores que interferem na emergência e permanência de questões teóricas, de modo que há, argumentativamente, um aparente adiamento das conclusões, como fios que se trançarão ao final.

Observamos ainda que tomar a relação entre os textos lacanianos em seu desenrolar temporal tornou necessário, em determinados trechos

1. Optamos por usar o termo “clínica das psicoses” a fim de considerar a tese lacaniana *Da Psicose Paranoica em suas Relações com a Personalidade* (1932) como uma produção teórica inscrita no campo da psiquiatria e que, se não faz parte da produção propriamente psicanalítica desse autor, nem por isso deve ser desconsiderada. Os parâmetros da investigação lacaniana para abordar a clínica com pacientes psicóticos – seja no campo da psiquiatria, seja no campo da psicanálise – se mantêm, a nosso ver, semelhantes.

de nosso trabalho, indicar pontualmente – às vezes por meio de longas citações – os momentos em que esse autor sugere novos caminhos para questões deixadas em aberto em artigos anteriores. Com tal propósito, seguimos a *démarche* lacaniana e recortamos os elementos e movimentos conceituais que, ainda que não sejam diretamente problematizados, constituem uma noção diferenciada de sujeito em relação à clínica das psicoses. Nesse sentido, torna-se difícil definir se o presente texto tem como guia os movimentos conceituais lacanianos sobre as psicoses e, em decorrência, problematiza a noção de sujeito ou se, a fim de considerar a noção de sujeito proposta por Lacan, o leitor deve necessariamente percorrer as teorizações sobre as psicoses. Talvez pudéssemos, na perspectiva de um entrançamento entre elementos conceituais, sustentar que não é possível considerar essas noções separadamente: falar de psicose em uma perspectiva lacaniana é falar do sujeito psicótico em sua relação transferencial e analítica, ao mesmo tempo em que discutir a noção de sujeito na psicanálise, após Lacan, é ter como horizonte último a psicose. Pedimos ao leitor que considere essa tensão, presente no texto, bem como a perspectiva temporal e genealógica implicada nessa investigação.